

O PENSAMENTO PORTUGUÊS NA REVISTA *PHILOSOPHICA*: UMA SÍNTESE PANORÂMICA(1993-2017)

Fabrizio Boscaglia¹

(Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, investigador)

Pedro Vistas²

(Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, investigador)

Preâmbulo

Assumindo uma identidade programática livre³, a *Philosophica* manifestou, desde a sua origem, pretensão de abertura a reequacionamentos da tradição académica, como fica disposto pelo estudo inaugural de Joaquim Cerqueira Gonçalves, mentor da revista, que relewa o carácter artístico das Humanidades, deste modo apartando os típicos e insistentes

¹ fabrizioboscaglia@campus.ul.pt

² pvidovistas@clix.pt

³ Diz o texto de apresentação da revista no número inaugural: “*A iniciativa supõe uma certa identidade institucional e científica, mas ela não remete para qualquer horizonte de uniformidade, nem de conteúdos, nem de autores, nem de destinatários. Há certamente um estilo – uma boa produção exige-o –, há programações e esquemas de colaboração, mas haverá sobretudo rigor e liberdade de dizer.*” – [Joaquim Cerqueira Gonçalves], “Apresentação”, *Philosophica* 1 (1993), p. 4.

modelos cientistas com que em grande medida a filosofia se veio a confundir⁴. Assim, era expectável que o periódico acolhesse estudos sobre o pensamento português, em grande medida arredado dos estudos académicos por não corresponder ao cientismo positivista visado.

Sem ser possível num estudo desta natureza o cotejo da *Philosophica* com as demais publicações periódicas de filosofia⁵, poderíamos dizer que, exceptuando o notável pecúlio da *Revista Portuguesa de Filosofia*⁶, a *Philosophica* se impõe como órgão que presta difusão do pensamento português, como, desde logo, do pensamento filosófico para Portugal, tal como acentua a vibrante nota editorial de José Barata-Moura no segundo número, diagnosticando o momento de crise e de decaimento das humanidades, mas prometendo pugnar contra as forças contrárias e a inacção:

Um povo que não pensa jamais poderá exercitar com plenitude a autonomia. Decerto que não são os filósofos que pensam, nem tola pretensão sua reivindicar o exclusivo «sacerdotal» ou «autenticado» dessa valência constitutiva de humanidade. Agora, não se pode é imaginar que

⁴ Cf. “Prescindindo, apenas para o efeito desta reflexão, de um horizonte ontológico, para o qual aliás tudo aponta, é na *arte* que situamos o pólo de unificação da racionalidade de todos os saberes.” – Joaquim Cerqueira Gonçalves, “O Estatuto das Humanidades – O Regresso às Artes”, *Philosophica* 1 (1993) p. 7. Note-se o cariz programático deste estudo, que já antecipava o pendor eminentemente estético que o periódico haveria de ganhar. Cf. “O preconceito de que a filosofia pertence às letras, como estudo positivista do dito e do feito, prejudicou, desde o início, a melhor intenção do ensino e tem sido forte obstáculo ao esforço rectificador tentado pela verdadeira pedagogia.” – Álvaro Ribeiro, *O Problema da Filosofia Portuguesa*, Lisboa: Inquérito, 1943, p. 24.

⁵ Até pelo gigantismo do empreendimento, como se apura pelo exaustivo levantamento bibliográfico em: Pedro Calafate, “Revistas Filosóficas em Portugal”, *Philosophica* 2 (1993), 99-114; ampliando em muito, por exemplo, esta anterior compilação: [s. a.], *Revistas de Filosofia*, ed. Academia de S. Tomás de Aquino, Braga: Faculdade Pontifícia de Filosofia, 1955.

⁶ Todavia, uma comparação com a *Revista Portuguesa de Filosofia* não se apresenta justa, porquanto esta tem início em 1945. A par do critério temporal, impõe-se igualmente o critério da homologia, ou da semelhança formal, porquanto se é certo que o pensamento português atinge expressivo corpo tético em revistas como *A Águia* (1910-1932), *presença* (1927-1940), *57* (1957-62), *Acto* (Lisboa, 1951-1952), não são estes periódicos de natureza comparável com uma revista de produção universitária. Seria mais lícita uma comparação com revistas mais próximas no tempo e no objecto, tais como *Filosofia e Epistemologia* (1977-1981), *Filosofia Actual* (1982-1984), *Análise* (1984-2006), ou *Logos* (1984-1988), excluindo publicações de objecto mais específico como *Disputatio* ou *Phainomenon*. Veja-se, a propósito: Adelino Cardoso, “Uma nova revista de Filosofia?”, *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias* 26 (2009), pp. 87-94. Sublinha-se ainda, a este respeito, o carácter temático do n.º 13 da revista *Análise*, publicado em 1989 e dedicado ao pensamento português.

a filosofia não tenha lugar – e um lugar insubstituível – na perscrutação e desenvolvimento desse estruturante vector da actividade social.⁷

Deste modo, a revista mostrava-se insubmissa aos epitáfios lançados ao pensamento português como coisa inexistente ou impossível, por lacuna vocacional ou ainda por ausência de tradição⁸, reconhecendo a sua natureza imprescindível, incontornável e vital.

Ao manter-se coerente com estas premissas, nos seus primeiros vinte e cinco anos de actividade, a *Philosophica* tem dado regularmente espaço ao pensamento português. Fê-lo, quer através de estudos, ensaios e escritos *sobre* pensadores portugueses, quer pelo pensamento original *de* pensadores portugueses activos, quer ainda pelo destaque dado a *temas* e aspectos que se costumam considerar característicos da reflexão filosófica em Portugal. São, de facto, estas as três vertentes que estruturam a presente abordagem panorâmica, e que, pela sua comparência regular no periódico, nos permitem atestar a presença assídua do pensamento português na *Philosophica*. Referimos em primeiro lugar os *artigos* e os estudos publicados nas revistas, considerando outrossim modalidades de contributos distintos, tais como recensões, dissertações e prémios, se bem que de forma mais pontual e menos abrangente.

1. Escritos sobre pensadores portugueses

O Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa, na década de 1990, empenha-se na constituição de um Grupo de Investigação de

⁷ José Barata-Moura, “Solemnia Verba – Em jeito de desabafo (in)tempestivo”, *Philosophica* 2 (1993), p. 6.

⁸ Escreve Sampaio Bruno: “Esta penúria lusitana em matéria filosófica foi (é ainda) atribuída ao efeito deprimente de uma educação perversamente adequada a embrutecer gerações.” – Sampaio Bruno, *A Idéa de Deus*, Porto: Chardron, 1902, p. 26. E, não menos eloquentemente, Antero de Quental: “A filosofia é cousa tão avessa à nossa índole e tradição intelectuais, que V. propondo-se iniciar entre nós um movimento sistemático de ideias, deve já contar com muitos dissabores, e o maior de todos, a indiferença pública.” – Antero de Quental, *Cartas de Antero de Quental*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915, p. 103. Cf. “*A actividade filosófica em Portugal, nos últimos séculos, foi a bem dizer nula. Incapacidade especulativa, adversidade do ambiente, deficiência de cultura, preconceitos de formação escolar? De tudo um pouco, tomando as coisas na generalidade.*” – [Domingos Maurício, Cassiano Abranches, Severiano Tavares, Diamantino Martins], “Porquê e programa da «Revista Portuguesa de Filosofia»”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 1 (1945), p. 5.

Pensamento Português, o primeiro em Portugal, hoje integrando o Centro de Filosofia da mesma Universidade. A iniciativa é levada à frente pelo professor Francisco da Gama Caeiro e, do ponto de vista do ensino e da coordenação das actividades, tem sido desenvolvida principalmente pelos professores Pedro Calafate e Paulo Borges. Compreende-se, pois, que duas das vertentes do pensamento português particularmente trabalhadas na *Philosophica* reflitam, em certa medida, os interesses científicos e as abordagens metodológicas de ambos, o primeiro tendo sido o director da monumental obra *História do Pensamento Filosófico Português* (1999-2004)⁹, o segundo sendo um dos pensadores e filósofos portugueses contemporâneos mais prolíficos e activos na charneira finissecular, principalmente numa vertente filosófico-religiosa e espiritual, metafísica e filosófico-cultural.

Assim, por um lado, uma abordagem histórico-filosófica do pensamento português encontra significativo espaço na revista, principalmente no que respeita a autores renascentistas como Francisco Sanches, Francisco de Holanda, Pedro da Fonseca e Padre António Vieira, sendo que a mundividência deste ganha papel de relevo em vários artigos do n.º 15 de 2000, dedicado ao tema “O Novo Mundo da Razão – Os Descobrimentos e a constituição da racionalidade moderna”, que reuniu os textos das comunicações do Seminário homónimo, realizado pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa em Dezembro de 1998.

Por outro lado, e de forma algo complementar, a *Philosophica* constituiu-se como uma das revistas académicas que mais espaço deram ao pensamento português contemporâneo, nomeadamente numa sua vertente metafísica «heterodoxa»¹⁰ que tem alguns dos seus protagonistas em Antero de Quental, Leonardo Coimbra, José Marinho, Fernando Pessoa ou Agostinho da Silva. Merece um destaque a presença de publicações, incluindo as resenhas, sobre figuras do pensamento português do século XX que, por várias razões, tinham ficado durante a sua vida à margem, ou mesmo que haviam sido marginalizados pela Academia, como Agostinho da Silva e José Marinho. Neste sentido, a *Philosophica* teve um papel pioneiro e fundamental para a valorização deste património filosófico nas universidades portuguesas, protagonizando a reconciliação (cujo horizonte último está

⁹ Cf. Pedro Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, 5 vols., Lisboa: Caminho, 1999-2004.

¹⁰ Cf. Paulo Borges, “Para uma ‘Biografia da Saudade’ em Teixeira de Pascoaes”. A Saudade implícita e suas fontes próximas no pensamento português: Antero de Quental, Guerra Junqueiro e Sampaio Bruno”, in Sofia A. Carvalho (coord. geral), Annabela Rita, José Eduardo Franco (coord. científica), *Teixeira de Pascoaes*, vol. 1, *As Biografias no Pensamento Português*, Lisboa: 2017, p.13.

ainda por cumprir) entre pensamento prospectivo-tético e a sua devida recepção hermenêutica por parte das instituições competentes.

Podemos dizer que a contemporaneidade filosófica portuguesa foi o período da história do pensamento luso mais trabalhado na *Philosophica*, inclusivamente através de estudos sobre pensadores activos nos períodos em que os artigos sobre eles foram escritos. São os casos do já mencionado Gama Caeiro ou, quanto as ditas “margens” (neuro)científicas da filosofia, de António Damásio, cujo livro *Descartes’ Error* (*‘O Erro de Descartes’*, 1994) foi objecto de debate por Maria Luísa Ribeiro Ferreira e Pedro M. S. Alves. Este debate, que de certa forma abriu o *dossier* do número seguinte dedicado ao filósofo francês, é um exemplo da atenção que a *Philosophica* tem dedicado à pulsação circunstancial¹¹.

Importante será notar que, além disso, a revista surge num período (início da década de 1990), no qual ou perto do qual vieram a falecer alguns pensadores e filósofos portugueses que nas páginas da própria revista encontraram espaço e reconhecimento ao longo do seu (quase) primeiro quartel de século: o já referido Agostinho da Silva, Vasco Magalhães-Vilhena (a este sendo dedicado um número monográfico em 2017), ou ainda Vergílio Ferreira e Natália Correia, representantes de um omnipresente diálogo entre literatura e pensamento que caracteriza uma grande parte da reflexão filosófica e crítica portuguesa, particularmente na contemporaneidade, isto é, já a partir daquele Antero de Quental ao qual o professor Leonel dos Santos dedicou um estudo em 1997 nas páginas da revista¹².

Luís de Camões, António Nobre e Miguel Torga são alguns dos poetas e escritores cuja obra impulsionou o (estudo do) pensamento português nas páginas da *Philosophica*, sendo que numa revista histórica e fortemente versada nos domínios da Estética, verificam-se estudos filosóficos sobre artistas plásticos, como é exemplo a reflexão crítica a propósito da pintura portuguesa Helena Vieira da Silva¹³, estudos que vêm confirmar uma

¹¹ Cf. Maria Luísa Ribeiro Ferreira, “‘Erro de Descartes’ ou Erro de um Título?”, *Philosophica* 7 (1996), 163-170; Pedro M. S. Alves, “Que Verdade no Erro de Descartes?”, *Philosophica* 7 (1996), 171-178; Cf. António R. Damásio, *Descartes’ Error – Emotion, Reason, and the Human Brain*, London: Putnam, 1994.

¹² Cf. Leonel Ribeiro dos Santos, “‘Ideia Poética’ e ‘Ideia Filosófica’ – Sobre a Relação entre Poesia e Filosofia na Obra de Antero de Quental”, *Philosophica* 9 (1997), 95-121.

¹³ Entre outros contributos que reflectem sobre obras de artistas plásticos, referimos neste caso o resumo de uma Dissertação de Mestrado, para sublinharmos o espaço dado pela *Philosophica* a estudantes e jovens investigadores da cultura portuguesa: Maria Teresa Nobre Quirino da Fonseca, “*A Cidade Azul* – Uma visão ecológica em Vieira da Silva – um contributo para a participação democrática”, *Philosophica* 28 (2006), 301-304 [resumo de Dissertação de Mestrado].

tendência para se explorarem as chamadas “margens” da filosofia, que no pensar português são tudo salvo marginais.

Para além dos artigos e estudos dedicados a autores portugueses, é premente atentar ao facto de a *Philosophica* ter hospedado, com frequência e constância, recensões e contributos bibliográficos sobre pensadores portugueses. Dir-se-ia que um marco da secção das Recensões da revista é constituído propriamente pela elevada quantidade de contributos sobre pensamento português.

A este respeito, dois aspectos parecem de particular relevância: 1) o acolhimento, pela revista, de novas gerações de investigadores enquanto autores de recensões e contributos bibliográficos (é o caso do Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa, por Renato Epifânio¹⁴), a testemunhar um interesse crítico por parte dos jovens investigadores – portugueses, e estrangeiros – sobre o pensamento português; 2) o amplo espectro histórico-filosófico dos pensadores abordados nas recensões (quer enquanto autores, quer enquanto objectos de estudo dos livros recenseados), a testemunhar inclusivamente uma vitalidade editorial do próprio pensamento português. Trata-se de um espectro que cobre toda a história do pensamento luso, desde a Idade Média (Santo António de Lisboa, Pedro Hispano, entre outros), passando mais uma vez pela Renascença (Pedro da Fonseca) e pelo Iluminismo (Teodoro de Almeida), para se chegar à contemporaneidade do século XIX (Cunha Seixas) e sobretudo posterior, com as figuras de Leonardo Coimbra, Fernando Pessoa e José Marinho a destacar-se pela quantidade de livros deles ou sobre eles a serem apreciados, sem por isso negligenciar a menção a outras figuras (para além de Marinho) do chamado Grupo da Filosofia Portuguesa, como António Quadros ou António Braz Teixeira. A este respeito não se pode deixar de sublinhar a escassez de estudos, no domínio académico, sobre algumas destas importantes figuras, como são os casos de Sant’Anna Dionísio, Francisco da Cunha Leão, ou,

¹⁴ Projecto fundamental, que sofreu edição em: Renato Epifânio, *Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa – 1988-2005*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007; e que sucede ao empreendimento pioneiro: Maria de Lourdes Sirgado Ganho, Mendo Castro Henriques, *Bibliografia Filosófica Portuguesa* (1931-1987), Lisboa: Verbo, 1988. O projecto de Renato Epifânio continua numa vertente digital em permanente actualização (cf. Renato Epifânio, “Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa (1988-2017): em permanente actualização”, in [web], *Repertório da bibliografia filosófica portuguesa*, página web visitada a 26 de Setembro de 2017, [http://bibliografiafilosofica.webnode.com]), talvez a única que se mostra exequível nos tempos correntes, impossível que é, hoje, um empreendimento de compilação bibliográfica à maneira de: Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez – Estudos Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

desde logo e mais flagrantemente, Álvaro Ribeiro, numa escusa que equivale, mais do que a uma desmemória, a uma delapidação patrimonial do pensamento português.

Ainda quanto a António Braz Teixeira, trata-se de um dos pensadores activos no momento da publicação das recensões sobre as suas obras, e cuja actividade filosófica se explicitou inclusivamente através de ensaios publicados na própria *Philosophica*, sendo pois, exemplo de uma reactualização do pensamento actual, mais do que de uma historiografia de obra ida no tempo. Da mesma forma, outros autores portugueses, cujos livros foram objectos de recensões na revista, foram eles próprios autores nas suas páginas: são os casos de, por exemplo, José Barata-Moura e de Carlos João Correia. Esta circularidade, que tece um diálogo vivo e crítico ao longo dos anos, leva-nos directamente ao próximo ponto, dedicado aos contributos filosóficos originais produzidos por pensadores portugueses e publicados na revista.

2. Pensar (em) português

Não pretendemos aqui entrar num debate metodológico sobre o que é o *pensamento português*. Contudo, de forma coerente com as intenções sintético-panorâmicas deste trabalho e no contexto de uma revista que se assume como livre, diríamos, estruturando esta expressão única, que se se identificam pelo menos três vertentes ou interpretações: 1) um pensamento expresso pela língua portuguesa, que se inscreve assumidamente numa linhagem, sucessão e/ou contemporaneidade de pensadores portugueses de várias escolas, cujo legado é interpretado, e/ou levado à frente, e/ou criticado, ao lado ou acima do pensamento de filósofos estrangeiros (nesta vertente se colocariam os pensamentos de Agostinho da Silva ou de Paulo Borges); 2) um pensamento que se assume como típica e autenticamente português, constituindo-se como uma escola de filosofia em si, uma filosofia nacional ou “Patriosofia” como a designou Quadros¹⁵, enraizada numa tradição lusa e lusófona de autoridades magistrais (Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, entre outros), que os seus exponentes defendem como Filosofia Portuguesa, defesa iniciada pelo homónimo Grupo cuja fundação se atribui a Álvaro Ribeiro e José Marinho (e dentro da qual operam António Quadros, António Braz Teixeira, Pinharanda Gomes, Dalila Pereira da Costa, António Telmo, alguns deles fora ou à margem da

¹⁵ António Quadros, *Portugal – Razão e Mistério*, vol. I, Lisboa: Guimarães, 1986, p. 17.

Academia); 3) um pensamento produzido por autores portugueses, e preferencialmente em língua portuguesa, enraizando em tradições filosóficas cuja origem ou transmissão histórica se coloca tendencialmente (apesar de não só) fora de Portugal, em correntes, movimentos e pensadores de outras naturalidades, dentro do pensamento ocidental (serão estes os casos, entre outros, da reflexão de matriz marxista de José Barata-Moura, ou do pensamento político-ecológico de Viriato Soromenho-Marques, um dos pioneiros da filosofia da ecologia na contemporaneidade lusa). Sem ser ocasião para a discussão deste ponto, note-se que estas três vertentes destacadas convergem no reconhecível ponto de debate entre uma Filosofia em Portugal *versus* uma Filosofia Portuguesa, que convida a visitar a interrogação formulada por José Marinho: “Como é possível conciliar o sentido universal da filosofia com o conceito de uma filosofia radicada? O problema equivale a este: se a ave tem asas, como se compreende que tenha pernas?”¹⁶.

A *Philosophica* abriu e deixou genuinamente o campo às três referidas vertentes, e além disso permitiu um pensar e um escrever em língua portuguesa, mesmo por autores estrangeiros, constituindo-se como um caso de revista filosófica e académica que privilegia a lusofonia nos seus contributos mais variados, sem contudo fechar as portas a outras línguas da escrita e do pensamento. Deixando de lado este último importante aspecto, o que mais nos preocupa é agora mostrar como na revista *Philosophica* se tem manifestado o próprio pensamento português através dos *pensadores portugueses* activos no período aqui abordado. Por razões de espaço e de oportunidade, limitar-nos-emos, nesta apresentação descritiva, aos pensadores que de alguma forma se possam dizer já historicizados¹⁷ e àqueles que a nosso ver o poderão ser em breve.

Partindo da última vertente entre as acima listadas (3), notemos como a *Philosophica* se nutriu da participação de pensadores que, ao trabalharem como professores no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da

¹⁶ José Marinho, “Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia”, in *Id.*, *Estudos sobre o Pensamento Português Contemporâneo*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981, pp. 9-10.

¹⁷ Para além da já referida obra dirigida por Pedro Calafate, considere-se também: Miguel Real, *O Pensamento Português Contemporâneo, 1890-2010: o labirinto da razão e a fome de Deus*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.

Universidade de Lisboa, dinamizaram a revista com os seus contributos¹⁸. Significativa é a actividade filosófica de mulheres, como Mafalda Blanc, Cristina Beckert, Maria Filomena Molder, ou Adriana Veríssimo Serrão, afinal confirmando aquilo que Maria Luísa Ribeiro Ferreira na revista pretendeu firmar de acordo com o seu âmbito de investigação de Estudos Femininos e de Teoria de Género, ou seja, a presença activa de um pensamento feminino na produção filosófica¹⁹.

No que respeita à segunda vertente (2), isto é, ao Grupo da Filosofia Portuguesa, e apesar do posicionamento crítico e de apartamento do mesmo perante a Academia, a sua relevância e contribuição para o pensamento português são de várias formas reconhecidos na *Philosophica*, inclusivamente pela presença de António Braz Teixeira enquanto autor, sobretudo nos primeiros anos e números da revista, embora seja também de sublinhar a ausência de Pinharanda Gomes. Significativo será, por outro lado, notar que Álvaro Ribeiro e José Marinho são referidos por Elisabete M. de Sousa num estudo sobre a recepção de Kierkegaard em Portugal²⁰, enquanto tradutor o primeiro, a partir de versões francesas, e comentador o segundo, do filósofo dinamarquês. Estes dados testemunham, no mínimo, as potencialidades de se estudar comparativamente o pensamento português, tendo em conta as suas aberturas ao filosofar universal, inclusivamente nas correntes mais vincadamente focadas na portugalidade.

¹⁸ A título meramente indicativo, dentre tantos mais, vejam-se como exemplares do que fica dito, os excursos filosóficos contidos nos seguintes textos: António Pedro Mesquita “Introduzir à Filosofia: A Filosofia e o Problema da sua Definição”, *Philosophica* 6 (1995), pp. 91-103; *id.*, “O que é a Filosofia? Sentido Filosófico e Virtualidades Pedagógicas de uma Definição de Filosofia”, *Philosophica* 8 (1996), pp. 111-141; José Barata-Moura, “Peso, Pêsame, Pesadelo – para um Sopesamento (não saudosista) da Saudade”, *Philosophica* 10 (1997), pp. 3-27; Paulo A. E. Borges, “Do(s) Outro(s) Mundo(s) da Visão ao Novo Mundo da Razão: Viagem Iniciática, Des(en)cobrimiento(s) e U-topia”, *Philosophica* 15 (2000), pp. 47-63; Mafalda Blanc, “Luz da Razão. Para uma Fundamentação Onto-Metafísica”, *Philosophica* 33 (2009), pp. 7-18; Cristina Beckert, “O Espelho Invertido. Reflexões sobre a Relação do Ser Humano com os Outros Animais”, *Philosophica* 40 (2012), pp. 9-23. Considerem-se ainda os estudos: Fernando Belo, “Como pensam os chineses sem alfabeto? 1.^a parte – A diferença das escritas”, *Philosophica* 46 (2015), pp. 119-133; *id.*, “Como pensam os chineses sem alfabeto? 2.^a parte – A diferença dos pensamentos”, *Philosophica* 47 (2016), pp. 157-170.

¹⁹ Por exemplo: Maria Luísa Ribeiro Ferreira, “As Mulheres Entram na Filosofia”, *Philosophica* 17-18, 2001, pp. 61-77. Deve ainda referir-se que Maria Luísa Ribeiro Ferreira foi membro do Conselho de Redacção da Revista e Editora da mesma.

²⁰ Elisabete M. de Sousa, “Aspectos Fundamentais da Recepção de Kierkegaard em Portugal”, *Philosophica* 35 (2010), pp. 11-16, 26.

Chegando à primeira vertente (1), para além dos já mencionados Cerqueira Gonçalves e Paulo Borges, nota-se a pontual ainda que significativa participação de Carlos Henrique do Carmo Silva, filósofo da espiritualidade e da diferença²¹. Apesar de académicos, estes três autores apresentam um pensamento não facilmente classificável nos moldes das fichas administrativas das Faculdades, o que nos permite supor que esta heterodoxia – não conflitual, antes fecundamente provocadora – faça parte da própria portugalidade deles, aqui não entendida em sentido nacionalista ou patriotista, mas apenas no referido sentido de uma reflexão que assume o pensamento português e a sua história entre as referências centrais, mesmo a partir daquela heterodoxia que o próprio pensamento português apresenta, quer porque frequentador das “margens” da filosofia (literatura, religião, etc.), quer pela própria carga de ansiedade, inquietação e amor que traz e leva consigo. Isto embora, dos três nomes referidos, só Paulo Borges cultive, de forma explícita, um pensamento sobre a portugalidade. Seja como for, tais considerações sobre as dimensões mais próprias do pensamento português levam-nos directamente ao terceiro e último parágrafo.

3. Temas portugueses

Um dos objectos omnipresentes do pensamento português, pelo menos nas primeiras duas vertentes indicadas, é a própria portugalidade, isto é, Portugal, a sua suposta essência nacional, a sua alma filosófica, o seu destino, ou então, numa linha mais iluminista, humanista e cosmopolita, a própria contribuição de Portugal, da sua cultura e do seu pensamento, para a própria filosofia ocidental, para o pensar da humanidade, e para a humanidade global(izada). Eis então que se destaca o já referido volume monográfico da *Philosophica* (n.º15, 2000), dedicado a um pensar os Descobrimentos e a pensar a partir deles, deste modo apresentando um número mais amplo de estudos que directa ou indirectamente concernem ao pensamento português.

Frequentemente ligada aos horizontes filosóficos e simbólicos dos Descobrimentos e da portugalidade é a Saudade um dos temas e das dimensões mais próprias e trabalhadas do, pelo e sobre o pensamento português. E isto não apenas pelo Saudosismo e pelo já referido Grupo da Filosofia Portuguesa, como concede exemplar testemunho o ensaio crítico

²¹ Cf. Carlos Henrique do Carmo Silva, “A Cidade – Máquina de Fazer Felicidade: meditação crítica (política?) sobre a ascensão e queda do ciclo da filosofia urbana”, *Philosophica* 4 (1994), pp. 7-46.

de José Barata-Moura “Peso, pêsame, Pesadelo – Para um Sopesamento (não saudosista) da Saudade”²².

Conclusão

Os caminhos do pensamento português na *Philosophica* estão abertos e cruzam-se de forma franca e dialogante com os demais no campo dos estudos filosóficos. A revista tem-se afirmado como uma daquelas que, na Academia, mais espaço deram ao pensamento português no período contabilizado pelos seus primeiros cinquenta números. Com efeito, a *Philosophica* divulgou de forma competente a história do pensamento português, mostrando a vitalidade da actividade filosófica em Portugal. Ao fazê-lo, validou o propósito de Joaquim Cerqueira Gonçalves (director da revista até Novembro de 2000) contra o cientismo positivista, que desaliança a filosofia da literatura na pretensão de a ver fixada no estatuto de ciência mais do que de arte, propósito que não pode ser olvidado e que se apresenta como identidade diferenciadora da revista (fundamento que não deve ser descurado).

Sem ser um periódico pensado de raiz para o efeito como se verifica noutros projectos editoriais de jaez não académico²³, a *Philosophica* afirmou-se, de modo significativo e indubitável, como meio de difusão do pensamento português nas três vertentes exploradas.

Coerentemente com o que tem sido feito, auspiciamos que a *Philosophica* continue a dar relevo e espaço ao pensamento português, tal como tem feito, e quiçá atendendo a novos desafios. Interessante seria, por exemplo, a realização de um volume temático que mostre e estimule uma reflexão mais sistemática, se bem que plural, sobre o próprio pensamento luso. Da mesma forma, poder-se-ia enriquecer o património da revista com edições de textos e documentos originais de autores portugueses do passado, dada a presença de espólios ainda parcialmente por serem editados (Pessoa, Raul Leal, Pascoaes, Marinho, Délio Nobre dos Santos, Agostinho da Silva, entre tantos mais), sem esquecer a reabilitação de filósofos fundamentais como é o caso de Álvaro Ribeiro. Finalmente, é

²² V. n. 18. Disto é também exemplo a recensão: Manuel Cândido Pimentel, “António Braz Teixeira, *Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1993”, *Philosophica* 3 (1994), pp. 133-136).

²³ Dentre outros exemplos destacamos *Acto*, 57, *Escola Formal*, *Leonardo*, ou, mais recentemente, *Nova Águia*.

legítima a expectativa de que a *Philosophica* possa continuar com o referido espírito aberto e dialogante que tem mantido, acolhendo a participação de outros pensadores activos que ainda não tenham publicado na revista.

Quanto ao futuro – isto é, à saudade que dele temos –, questionamos: surgirá uma escola filosófica portuguesa neste novo século, depois do impulso dos pensadores inconformistas do século XX, indigestos ainda? A este respeito, auguramos que a *Philosophica* continue a acolher um pensamento prospectivo, aparentemente inquieto e inquietante, ainda que ele seja visto inicialmente como incategorizável ou até insubmisso e anti-escolástico (numa busca de equilíbrio que requer flexibilidade e audácia mas também prudência, é certo, por parte dos órgãos institucionais). Esse pensamento muitas vezes é o autêntico timbre da filosofia filosofante.

A história das revistas filosóficas em Portugal é muitas vezes análoga à do pensamento português, brilhante e rápida como um relâmpago. A *Philosophica* conseguiu já dobrar o século com obra significativa. Importa não estagnar e continuar a reconhecer as luzes alheias, irrenunciáveis pela luminescência confirmada, mas sem prescindir de luz própria, domiciliada, até para se concluir que a Luz é, em Si, Una, logo universal. Tal é mais fácil de admitir pela própria manifestação portuguesa do pensamento filosófico. Porque o cumprimento dos Descobrimentos não cessou no desbravamento do espaço, mas (trans)continua no oceano filo-sófico para o qual as naves do pensamento português se reconhecem vocacionadas.

RESUMO

O presente artigo pretende sobretudo oferecer uma retrospectiva sucinta e ao mesmo tempo abrangente da recepção, da presença, da interpretação e da divulgação do pensamento português nos primeiros cinquenta números da revista *Philosophica*, fundada em 1993 e editada pelo Departamento e pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. A organização do artigo visa destacar a contribuição do periódico para a actividade e o estudo de pensadores portugueses e para o aprofundamento de questões e temas que se diriam típicos da reflexão filosófica lusa e lusófona. Entre as coordenadas dentro das quais o trabalho se desenvolve eis, por um lado, a história e as especificidades programáticas da revista, e por outro, o debate sobre o haver Filosofia em Portugal vs. haver uma Filosofia Portuguesa, com a vibrante e desassossegante carga crítica que esta questão traz consigo.

RIASSUNTO

Il presente articolo vuole soprattutto costituire uno studio retrospettivo e un conciso sguardo d'insieme sulla ricezione, la presenza, l'interpretazione e la divulgazione del pensiero portoghese nei primi cinquanta numeri della rivista *Philosophica*, fondata nel 1993 ed editata dal Dipartimento e dal Centro di Filosofia dell'Università di Lisbona. L'organizzazione dell'articolo mira a porre in rilievo il contributo dato dal periodico all'attività e allo studio dei pensatori portoghesi, oltre che alla riflessione su questioni e temi considerati tipici del pensare filosofico portoghese e lusofono. Tra le coordinate entro le quali lo scritto si sviluppa vi sono, da un lato, la storia e le specificità programmatiche della rivista, e dall'altro, il dibattito sull'esservi una Filosofia in Portogallo o piuttosto una Filosofia Portoghese, con la vibrante (e per certi versi inquieta) carica critica che questa questione porta con sé.

Referências Bibliográficas

- [s. a.], (1955), *Revistas de Filosofia*, ed. Academia de S. Tomás de Aquino, Braga: Faculdade Pontifícia de Filosofia.
- ALVES, Pedro M. S. (1996), “Que Verdade no Erro de Descartes?”, *Philosophica* 7, pp. 171-178.
- BARATA-MOURA, José (1997), “Peso, Pêsame, Pesadelo – para um Sopesamento (não saudosista) da Saudade”, *Philosophica* 10, pp. 3-27.
- (1993), “Solemnia Verba – Em jeito de desabafo (in)tempestivo”, *Philosophica* 2, pp. 3-9.
- BECKERT, Cristina (2012), “O Espelho Invertido. Reflexões sobre a Relação do Ser Humano com os Outros Animais”, *Philosophica* 40, pp. 9-23.
- BELO, Fernando (2016), “Como pensam os chineses sem alfabeto? 2.ª parte – A diferença dos pensamentos”, *Philosophica* 47, pp. 157-170.
- (2015), “Como pensam os chineses sem alfabeto? 1.ª parte – A diferença das escritas”, *Philosophica* 46, pp. 119-133.
- BLANC, Mafalda (2009), “Luz da Razão. Para uma Fundamentação Onto-Metafísica”, *Philosophica* 33, pp. 7-18.
- BORGES, Paulo A. E. (2017), “Para uma ‘Biografia da Saudade’ em Teixeira de Pascoaes”. A Saudade implícita e suas fontes próximas no pensamento português: Antero de Quental, Guerra Junqueiro e Sampaio Bruno”, in Sofia A. Carvalho (coord. geral), Annabela Rita, José Eduardo Franco (coord. científica), *Teixeira de Pascoaes*, vol. 1, *As Biografias no Pensamento Português*, Lisboa: Colibri, pp. 13-32.
- (2000) “Do(s) Outro(s) Mundo(s) da Visão ao Novo Mundo da Razão: Viagem Iniciática, Des(en)cobrimento(s) e U-topia”, *Philosophica* 15, pp. 47-63.
- BRUNO, Sampaio (1902), *A Idéia de Deus*, Porto: Chardron.
- CALAFATE Pedro (1999-2004), *História do Pensamento Filosófico Português*, 5 vols., Lisboa: Caminho.
- (1993), “Revistas Filosóficas em Portugal”, *Philosophica* 2, pp. 99-114.
- CARDOSO, Adelino (2009), “Uma nova revista de Filosofia?”, *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias* 26, pp. 87-94.
- DAMÁSIO, António R. (1994), *Descartes’ Error – Emotion, Reason, and the Human Brain*, London: Putnam.
- EPIFÂNIO, Renato (2017), “Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa (1988-2017): em permanente actualização”, in [web], *Repertório da bibliografia filosófica portuguesa*, página web visitada a 26 de Setembro de 2017, [http://bibliografiafilosofica.webnode.com].
- (2007), *Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa – 1988-2005*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (2001), “As Mulheres Entram na Filosofia”, *Philosophica* 17-18, pp. 61-77.
- (1996), “‘Erro de Descartes’ ou Erro de um Título?”, *Philosophica* 7, pp. 163-170.

- FONSECA, Maria Teresa Nobre Quirino da (2006), “*A Cidade Azul – Uma visão ecológica em Vieira da Silva – um contributo para a participação democrática*”, *Philosophica* 28, pp. 301-304 [resumo de Dissertação de Mestrado].
- GANHO, Maria de Lourdes Sirgado, HENRIQUES, Mendo Castro (1988), *Bibliografia Filosófica Portuguesa – 1931-1987*, Lisboa: Verbo.
- GONÇALVES, Joaquim Cerqueira (1993), “Apresentação”, *Philosophica* 1, pp. 3-4 [texto não assinado].
- (1993), “O Estatuto das Humanidades – O Regresso às Artes”, *Philosophica* 1, pp. 5-12.
- MARINHO José (1981), *Estudos sobre o Pensamento Português Contemporâneo*, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- [MAURÍCIO, Domingos, ABRANCHES, Cassiano, TAVARES, Severiano, MARTINS, Diamantino] (1945), “Porquê e programa da «Revista Portuguesa de Filosofia»”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 1, pp. 5-8.
- MESQUITA, António Pedro (1996), “O que é a Filosofia? Sentido Filosófico e Virtualidades Pedagógicas de uma Definição de Filosofia”, *Philosophica* 8, pp. 111-141.
- (1995) “Introduzir à Filosofia: A Filosofia e o Problema da sua Definição”, *Philosophica* 6, pp. 91-103.
- PIMENTEL, Manuel Cândido (1997), “Elementos para uma Fenomenologia Literária do Texto Filosófico”, *Philosophica* 9, pp. 7-3.
- (1994), “ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA, *Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1993”, *Philosophica* 3, pp. 133-136 [recensão].
- QUADROS, António (1986), *Portugal – Razão e Mistério*, vol. I, Lisboa: Guimarães.
- QUENTAL, Antero de (1915), *Cartas de Anthero de Quental*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- REAL, Miguel (2011), *O Pensamento Português Contemporâneo, 1890-2010: o labirinto da razão e a fome de Deus*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- RIBEIRO, Álvaro (1943), *O Problema da Filosofia Portuguesa*, Lisboa: Inquérito.
- SANTOS, Leonel Ribeiro dos (1997), “‘Ideia Poética’ e ‘Ideia Filosófica’ – Sobre a Relação entre Poesia e Filosofia na Obra de Antero de Quental”, *Philosophica* 9, pp. 95-121.
- SILVA, Carlos Henrique do Carmo (1994), “A Cidade – Máquina de Fazer Felicidade: meditação crítica (política?) sobre a ascensão e queda do ciclo da filosofia urbana”, *Philosophica* 4, pp. 7-46.
- SILVA, Inocêncio Francisco da (1858), *Diccionario Bibliographico Portuguez – Estudos Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, Lisboa: Imprensa Nacional.
- SOUSA, Elisabete M. de (2010), “Aspectos Fundamentais da Recepção de Kierkegaard em Portugal”, *Philosophica* 35, pp. 10-31.